

*O garoto usa colete
com camuflagem
em estilo militar,
trazendo no peito
o brasão da Bósnia
livre, em Sarajevo*



*O local onde se iniciou a
Primeira Guerra Mundial,
com o assassinato de Francisco
Ferdinando. O prédio mais alto
era um museu em homenagem
ao assassino, um sérvio*

AB

Sobre o ABC

1. O texto “A Bosnian Alphabet” foi publicado originalmente na edição es-

pecial da revista literária inglesa *Granta* dedicada aos “Melhores Jovens Romancistas Britânicos” (número 43, 1993). Ela incluía o autor Lawrence Norfolk em uma seleção de vinte escritores, ao lado de Kazuo Ishiguro, Hanif Kureishi e Ben Okri, além de outros menos conhecidos fora do arquipélago britânico.

O texto foi escrito em algum momento em torno do início de 1993, após uma viagem que Norfolk fez à Bósnia-Herzegovina no final de 92, quando a guerra civil nessa ex-república iugoslava apenas começava. Trata-se portanto de um olhar especial sobre uma fase específica do conflito que hoje parece ter terminado ou pelo menos se mostra profundamente anestesiado. A guerra civil e a fragmentação da ex-Iugoslávia começaram em 1991. Depois de deixar um rastro de destruição em duas outras repúblicas separatistas (Eslovênia e Croácia), um cessar-fogo entre os exércitos dominados por sérvios e croatas pôs fim à primeira fase do conflito no início de 1992, mas imediatamente uma nova etapa eclodiu: a guerra mais prolongada e profunda, na Bósnia, a partir de abril-maio daquele mesmo ano. Essa fase perdurou até o final de 1995 e agora o mundo exterior se pergunta se a paz armada vai durar muito e se algum outro país da região vai mergulhar na guerra.

2. Em verdade, Norfolk realizou duas viagens à Bósnia, como o leitor poderá ver: a primeira, uma viagem à guerra de 1787-89, chamada de Segunda Guerra Austro-Turca, que se travou em grande

*Adolescentes
muçulmanos
croatas de Split,
soldados da milícia
fascista HOS*



LAWRENCE NORFOLK

da Bósnia

Tradução, apresentação e notas de LEÃO SERVA

parte na mesma Iugoslávia. Essa foi uma excursão através de registros históricos ou mais exatamente de relatos jornalísticos, no arquivo do Museu Britânico, na coleção do *Daily Universal Register*, que mais tarde mudaria de nome para *The Times*, como ele anota em seu texto. Depois dessa excursão, o autor toma uma espécie de “túnel do tempo” e parte para uma pesquisa de campo na atual guerra, separada da anterior por pouco mais de duzentos anos mas incrivelmente próxima como o texto vai revelar com clareza.

3. Um antigo humorista português com aparições freqüentes na TV brasileira, Raul Solnado, tinha uma piada recorrente que era uma ironia fina com seus patrícios europeus. O narrador “entra” numa guerra e pergunta: “Esta é a guerra de 1914 ou a guerra de 1939?” De fato, a história dos povos europeus é uma crônica de guerras que mudam de protagonistas mas mantêm certos aspectos constantes. Norfolk revela essas características recorrentes em uma operação estética surpreendente, especialmente por ter ido buscar uma guerra de duzentos anos atrás, quando não existiam nações como Iugoslávia, Bósnia, Herzegovina, etc., e que segue pouco citada pelos historiadores modernos.

O texto traz à tona, para além dos relatos jornalísticos contemporâneos ou mesmo das análises dos estudiosos, uma característica fundamental do conflito, a recorrência de aspectos diversos apesar da mudança de personagens. É como se a essência do rei Lazar Hrebelyanovic, líder sérvio na batalha de Kosovo, de 1389 (curiosamente também em fim de século), se perpetuasse nos personagens atuais, como Radovan Karadzic ou Slobodan Milosevic. Ou se cabeças retiradas de uns tantos corpos numa guerra e desaparecidas surgissem imediatamente no conflito de duzentos anos depois.

Como se os fotogramas de uma mesma seqüência de filme não fossem separados por 24 avos de segundo, mas por duzentos anos, Norfolk edita os “fotogramas” de seu documentário de tal forma que os conflitos se misturam, mas o resultado em vez de confusão é uma absoluta clareza: justapostos lado a lado os fatos de todos os conflitos se tornam lógicos, as essências afloram. Nesse momento, desfaz-se a confusão criada pelo procedimento jornalístico atual. Percebe-se que os meios de comunicação informam demais para desinformar de fato. Os fatos de cada dia de jornal ou TV são apenas um cipó, a “transparência” dos meios de comunicação atuais, que enviam em tempo real as imagens do conflito, é em verdade como uma lente desfocada, que mostra as aparências sem revelar o fundamental.

O procedimento de Norfolk é fundamentalmente o de desfazer o efeito de amnésia que o tempo cria – ou a amnésia gerada pelo excesso de informações dos meios de comunicação contemporâneos.

4. Um dos filmes mais marcantes das últimas décadas, o cult macedônio (ex-iugoslavo portanto) *Antes da Chuva*, tem um bordão repetido em seus episódios: “O tempo nunca morre. O círculo não é redondo”. A frase, dita logo no início do filme por um monge católico ortodoxo de um mosteiro da Macedônia a alguns garotos que brincam jogos de guerra em seu caminho, é uma espécie de chave para a compreensão do filme. Será repetida em cada episódio como que para lembrar que também no filme “o círculo não é redondo”, não se fecha portanto, embora pareça que suas pontas se encontram. Talvez se possa dizer que o círculo é uma espiral, cujas partes parecem sempre encontrar o enredo das anteriores, mas esse quase encontro se dá em um momento, posição ou “oitava” diferente. A história então, se isso confirma Hegel, não se repete, mas tampouco deixa de se repetir.

O tempo a que se refere o monge é provavelmente o tempo de guerra, constante entre seu povo e que ele percebe chegar novamente, pela atitude de garotos que se preparam para essa missão que a história lhes lega sem que percebam (para eles é ainda só o enredo de brincadeiras). O fluxo das guerras não morre.

5. As semelhanças entre os fatos, no entanto, escondem razões radicalmente diferentes, ao

mesmo tempo em que diferentes enredos provavelmente têm as mesmas essências. É por isso que a farsa mais constante da guerra civil da Bósnia é a tentativa constante de justificar a violência atual com fatos do passado.

Os líderes nacionalistas sérvios acenderam o estopim do conflito mais recente, a partir de 1989, quando o ex-comunista Slobodan Milosevic, buscando provavelmente se perpetuar no poder quando todas as ditaduras comunistas se esfacelavam, procurou repetir um enredo antigo e, discursando na solenidade que comemorava seiscentos anos da batalha de Kosovo, jurou a seus compatriotas que os sérvios nunca mais seriam humilhados. Seu discurso não era um alerta para os turcos, que derrotaram os sérvios em 1389, mas para os albaneses, atualmente majoritários em Kosovo, e para todas as outras nacionalidades iugoslavas que queriam se tornar independentes dos sérvios hegemônicos na federação.

Entre esses a quem “Slobo” ameaçava estavam principalmente os croatas, que durante a Segunda Guerra Mundial, associados à Alemanha nazista, mataram pelo menos seiscentos mil sérvios em campos de concentração. O fantasma dos campos de extermínio do passado é a justificativa sérvia para os campos de extermínio de 1992 onde massacraram milhares de muçulmanos. Estes agora já têm justificativas para campos de extermínio em 2089, ou quando seja...

É dizer: o tempo (das guerras) não morre, o círculo (ou sucessão dos fatos que levam aos conflitos) não é redondo.

6. O texto de Norfolk realiza uma operação semelhante à do filme *Antes da Chuva*, produz o mesmo efeito de surpresa diante da clareza com que vê o absurdo da guerra sendo gerado nas entranhas de fatos aparentemente distantes e desconexos até se realizar plenamente em um fluxo incontível. Onde alguém poderia ver repetição, encontra simultaneidade e paralelismo; onde poderia ver distância de continentes, encontra semelhança e proximidade.

7. Li o ABC de Norfolk no início de 1993, entre duas viagens que fiz à Bósnia, como correspondente de guerra. O texto abriu horizontes de compreensão e de prazer estético que foram fundamentais para que eu me aventurasse a produzir um relato de minha própria experiência na Bósnia. Além disso, usei em meu livro *A Batalha de Sarajevo* (Scritta, 1994) um dos verbetes (“Fardas”). Foi a forma mais econômica e clara que já vi de explicar um aspecto aparentemente sem importância e ao mesmo tempo fundamental para entender a disputa entre os bósnios.

Por ser um ABC, ao transpor para o português os conceitos criados por ele em inglês tive que trocar algumas posições, deixar dois deles em inglês para ocupar letras pouco usadas no português (Y e W) e até mesmo forçar alguns outros em sua posição original. É o caso da “Apology” inicial, que exigia ficar no começo, e então me apoiei no conselho de um mestre para gerar um “Antedesculpas”.

Então, como o próprio autor, faço aqui de antemão uma confissão prévia de que esta tradução, como diz o velho ditado italiano, é também uma traição.

8. Lawrence Norfolk nasceu em Londres em 1963 e viveu no Iraque até que sua família foi retirada do país em 1967. Ele se formou pelo King’s College de Londres em 1986 e em seguida cursou doutorado, ensinou, escreveu críticas de poesia para o *Times Literary Supplement*, trabalhou como *barman* e na construção civil. Seu primeiro romance, *O Dicionário de Lemprière* (*Lemprière’s Dictionary*), conta, entre muitas outras coisas, a história da Companhia das Índias Ocidentais nos séculos XVII e XVIII. “A idéia toda”, diz ele, “era ir embora de minha própria vida”. O livro se tornou um *best-seller* através da Europa, mas não na Inglaterra. Quando redigiu este texto para a edição especial da *Granta* estava trabalhando em um novo romance, *O Rinoceronte do Papa* (*Pope’s Rhinoceros*), publicado em 1996 por Sinclair-Stevenson (só encontrável no Brasil por enquanto sob encomenda). O escritor mora atualmente em Chicago.

ANTEDESCULPAS – A devia ser para Alfabeto, a estrutura que estou explorando em desespero para organizar meus pensamentos sobre este tema: as relações que estabelecem entre duas diferentes guerras iugoslavas. Esta é minha quarta tentativa de organizar o material, os prazos estouram e a única vantagem desta estrutura vale-tudo é a sua transparência. Um ABC...? Você já sabe que o autor está com problemas. Então, uma água fria prévia nas suas expectativas exageradas. A, nesse caso, fica para desculpas antecipadas, estas antedesculpas.

BOA-FÉ – Fontes primárias para informações sobre a Segunda Guerra Austro-Turca de 1787-89 só estão disponíveis na Inglaterra na Coleção Burney do Museu Britânico. Uma seleção mal catalogada de jornais do final do século XVIII foi copiada em microfilmes e está disponível aos leitores numa sala sem janelas junto à Galeria de Livros Norte. É um ambiente terrível para o trabalho: luz fria, sem ventilação, e o calor dos projetores consome o pouco ar que existe. Duas semanas cavoucando me deram os detalhes de que eu precisava para juntar os pedaços e formar uma imagem da guerra anterior. Eu fui para ver pessoalmente o conflito atual. Assim, com minhas credenciais estabelecidas então... exceto porque esses preâmbulos – que eu conheço e você não – não vão desaparecer. Sim, eu fiz uma longa caminhada, mas a suposição de superioridade baseada nessa experiência não leva em consideração o desenraizamento causado pela experiência em si. Cruzando de novo o rio Drina para escapar do atual conflito, longe de entendê-lo melhor, eu sinto que o entendo menos. Guerra é um caso especial; como escritor ela te faz menos capaz, não mais. Vamos deixar B para Boa-fé, o que falta em todo relato de guerra que usa o “Eu estive lá” como garantia do “Isto é o que aconteceu”.

COINCIDÊNCIAS – Estique o conflito atual umas 150 milhas para o leste, deixe Belgrado ocupar o lugar de Sarajevo, e você tem a Guerra Austro-Turca de 1787-89. Os mesmos participantes, as mesmas hesitantes in-

tervenções internacionais, os mesmos alvos fugidios, as mesmas atrocidades. Eu escrevi sobre esta guerra em meu primeiro romance, que terminei três meses antes da atual guerra começar. Um romancista histórico raramente tem a chance de contrapor elaborações com a realidade e, vistos de Londres, alguns dos paralelos parecem absolutamente claros – pequenas vilas e cidades cujos nomes eu tinha descoberto e imediatamente esquecido estavam pipocando no conflito: Bosanski Brod, Gradiska, Dubica, Zvornik. Eu pesquisei e transcrevi informações detalhadas sobre um campo de refugiados mal equipado em Karlovac, por exemplo, e o espancamento até a morte de uma coluna de prisioneiros muçulmanos a dois dias de caminhada do lugar. Tjrnopolje, Omarska e Manjaca, onde esse fato foi depois repetido, estão todas a uma distância de 50 milhas do atual campo da Cruz Vermelha em Karlovac. Eu estava assistindo a eventos com dois séculos de idade nos telejornais da noite.

DÚVIDAS – Uma sensação de que a guerra, tal como a descrevi, ficou de alguma forma sem autenticidade, agora que se tornou disponível como experiência para todos. Os primeiros relatos da guerra atual foram necessariamente fragmentários. As reportagens de Martin Bell (1) para a BBC, em particular, eram sempre para indicar as informações que *não* estavam disponíveis. Tudo isso coloca uma grande dose de suspeita retrospectiva sobre meu próprio esforço. Eu queria aquilo que eu tinha antes – a história completa – mas isso não é mais a verdade. O que eu tinha eram só pedaços de uma guerra.

EXPRESSO – A guerra é coisa séria e isto vai parecer uma menção fútil, mas E é para café Expresso. Encontrei um correspondente de guerra austríaco chamado Karl Wendl, numa festa em Viena em novembro de 1992. Os dois tentávamos, sem sucesso, arrumar um café. Os dois estávamos extremamente bêbados. Na noite anterior, Karl tinha tido um sonho. Ele estava de pé em um porto na Sérvia. Abaixo dele, na água, havia um submarino. Karl estava tentando pegar uma carona até Veneza para conseguir um café expresso.

1 Principal correspondente de guerra da emissora de TV britânica BBC. Bell é uma espécie de Pedro Bial inglês, embora mais velho do que seu similar brasileiro. Em 1992, foi ferido por um estilhaço de granada quando fazia ao vivo seu comentário em uma rua de Sarajevo. A cena de sua dor resignada, repetida à exaustão, o tornou um legítimo herói nacional.

Nessas circunstâncias teria sido mais razoável perseguir a via expressa de uma boa conversa (foi isso afinal o que permitiu essa estranha revelação), ou mesmo o submarino. Ao contrário, eu perguntei a ele se alguma vez tinha estado na Sérvia.

FARDAS – Fardas, numa guerra, são feitas para distinguir os combatentes. Na Bósnia, no entanto, todos os lados vestem a mesma farda – a do antigo Exército Iugoslavo. A correspondente Kate Adie conta que certa feita teve que perguntar a um grupo de militares qual a identidade dos soldados em que eles estavam atirando, e depois teve que perguntar a identidade desses mesmos que atiravam. A verdadeira distinção se faz entre graus de farda. Farda completa indica um soldado profissional sob comando; alguém que provavelmente não vai atirar em você sem uma boa razão. Farda parcial indica um miliciano – espécie cuja população tem número desconhecido e é por isso mais assustadora. Farda nenhuma é muito ruim. Mas o pior de tudo, por alguma razão, é gente vestindo abrigos esportivos.

GUERRA – G é, quase obviamente, para Guerra e suas armas de fogo. Eu já manipulei armas de fogo, sou razoável e entendo tranquilamente a idéia de um aparelho que dispara projéteis. As armas na Bósnia são diferentes. As coronhas não são polidas. Os canos não têm lubrificação. O metal de que são feitos é escuro, riscado com pequenos cortes e arranhaduras. Quase todo mundo que eu encontro aqui carrega uma arma, mas eles são descuidados, chacoalham, jogam-nas no chão. Estas não são propriedades preciosas e não há nada sagrado nelas – até pareceriam ridículas se penduradas sobre a lareira. É evidente ao primeiro olhar que uma Zastava Kalashnikova não foi realmente projetada para pastores. Essas armas são toscas ferramentas para o trabalho de matar gente numa guerra.

HOMENS-SEM-CABEÇAS – Em 12 de março de 1788, o *Daily Universal Register* noticiava que as forças otomanas (poderia ter dito muçulmanas), em vez de fazer prisioneiros, estavam matando todos os soldados austríacos azarados o suficiente para serem cap-

turados, e cortavam suas cabeças. Em abril o mesmo jornal (agora rebatizado *The Times*) relatava que um grupo de corpos sem cabeça havia sido achado em um campo turco capturado próximo de Dubica, norte da Bósnia. O epílogo dessa história foi publicado em 27 de maio. Aparentemente um saco cheio de orelhas cortadas de cabeças de austríacos mortos foi pendurado no alto dos portões do Seraglio (2), o palácio do sultão em Constantinopla. Essa é a história de um desaparecimento, ou melhor, é uma história em que falta o fato central – uma história ruim. Em termos narrativos, ela realmente não funciona. Essas deficiências são, em certo nível, a razão pela qual eu fui ver a nova versão dessa guerra. Fui procurar o que faz falta para mim, para as passagens de guerra em meu romance e para este texto em particular. H é para Homens-Sem-Cabeças.

INCOERÊNCIAS – Guerras interrompem as relações entre eventos. Mas paradoxalmente a profunda incoerência da guerra impõe a necessidade dessas relações com ainda mais força. O que acontecerá depois? A pergunta tem uma óbvia relevância se você está de fato nessa situação. O fato de que nunca consegue uma resposta é o que te mantém constantemente em risco. Essa informação não está sendo omitida: ela de fato não existe. De sua ausência resultam contorcionismos fabulosos. Perguntado sobre de onde os bósnios sérvios tiram seus suprimentos de combustíveis, Radovan Karadzic explicou que, por um extraordinário ataque de sorte, um enorme depósito, estocado secretamente durante a Segunda Guerra Mundial, foi descoberto em uma caverna. Note os ingredientes da trama (caverna, secreto, depósito) e o papel central vivido pela sorte nesta história. Ele também foi um pouco vago sobre a localização exata da caverna.

JUSTIFICATIVAS – Ou a explicação moral para as ações de alguém. Todos os lados da guerra atual procuram se afirmar como corretos. Quanto piores as atrocidades, mais forte a necessidade. Justificativas estão tendo problemas para conseguir acompanhar os acontecimentos.

2 Seraglio era o antigo palácio dos sultões do Império turco. Começou a ser construído em 1462, pouco depois da conquista de Constantinopla, e serviu de residência aos monarcas até o século XIX.

*Na outra página,
na linha que separa
inimigos sérvios e
croatas em
Karlovac, na
Croácia, um
espantalho veste
uniforme das forças
de paz da ONU,
com uma placa
“Faça amor e não a
guerra”; seus pés
estão cobertos de
minas antitanques*

KOSOVO – Um funcionário público do Ministério da Informação da Sérvia em Pale me contou esta história. Na véspera da batalha de Kosovo, em 1389, o rei Lazar Hrebelyanovic juntou os seus pares sérvios e, antecipando a batalha que se aproximava, disse a eles que precisavam lutar pelo Reino do Céu, não pelo Reino da Terra. A batalha de Kosovo deveria ser uma luta por algo mais do que território. No dia seguinte, ele e os melhores de seus homens foram trucidados pelos turcos. A história está preservada nas músicas dos sérvios *guslari*. Na Sérvia, nacionalismo e poesia estiveram sempre unidos por uma forte aliança (observe as aspirações líricas do dr. Karadzic). Na consciência histórica dos sérvios, Kosovo deve ser visto como uma realização significativa: que uma guerra não pode ser travada e vencida se os alvos forem o que está acima da cabeça dos inimigos. Portanto, suas guerras deveriam ser por terra, não pelo céu. A atual guerra caiu direitinho nesse contexto: ela fala somente de enclaves, territórios protegidos, corredores, áreas que são disputadas ou controladas ou reconquistadas. Kosovo é atualmente apontado como o lugar onde essa guerra vai ocorrer depois. Pergunte aos sérvios pelo que eles lutam e eles vão falar de um passado distante ou um futuro espectral. Kosovo, e todos os outros “Kosovos”, são um jeito de não falar do que está acontecendo agora – uma amnésia do presente.

LOCAIS – Karl Wendl, Ricardo Heirgott (nosso fotógrafo) e eu guiamos de Zvornik a Vlasenica, onde passamos a noite. No dia seguinte chegamos a Sarajevo, dormimos no quartel dos sérvios em Lukavica e no dia seguinte gastamos algumas horas no distrito de Grbavica, no centro da cidade. Então guiamos de volta para Zvornik, cruzando de volta o Drina às 10h30 dessa noite.

MUJAHEDIN – De algum jeito, sua presença nesta guerra persiste há muito tempo só como um rumor, quando já deveria ter se tornado um fato de conhecimento geral. Em julho de 1992, um grupo de *mujahedin* foi capturado pelos sérvios na região ao norte de Banja Luka. Eles viajaram com passaportes

sauditas até Viena, onde adquiriram vistos na embaixada da Croácia. Um – seu passaporte tinha o nome de Saed al Garaf – tinha uma câmera. Os sérvios revelaram o filme que estava nela e encontraram cabeças. As fotos me foram mostradas pelos sérvios em Pale. As cabeças foram cortadas dos corpos de lutadores guerreiros sérvios mortos por Saed e seus camaradas. Alguns tinham os olhos arrancados, outros pareciam estranhamente tranqüilos. Eu passei os olhos sobre as ampliações e pensei em um grupo de corpos sem cabeças encontrado duzentos anos antes. Esses *mujahedin* estiveram lutando em torno de Travnik e Banja Luka, que não ficam tão longe de Dubica... Claro que esta linha de raciocínio é ridícula, mas colocar os pedaços do quebra-cabeças em ordem novamente é um forte instinto literário e eu confesso que adoraria ver essas horrorosas fotos de viagem clarearem meu mistério de duzentos anos. Guerras do passado são sempre usadas para justificar as posteriores. Notícias de corpos sem cabeças. Fotografias de cabeças sem corpos. Eu gostaria ao menos de estabelecer uma correspondência. Traçar um paralelo ou dois.

NACIONALISMO – N em um ABC da Bósnia tem que ser para Nacionalismo. Em Vlasenica há um cemitério para as vítimas da guerra atual, 43 delas contadas até 13 de dezembro de 1992; sem dúvida são mais agora. Atrás dele, espalhados morro acima, estão os túmulos datados da guerra de 1939-45. Há mais de 400 desses. Pendurado na parede do ministério sérvio da Informação, em Pale, há um mapa que mostra taxas de mortalidade na Bósnia entre 1939-45. As cores vão de claro ao escuro, de zero a cem por cento. Cerca de um quinto do mapa é preto. Vlasenica está em verde-escuro, que a legenda me diz significar 60%. Apesar de tantos deles terem sido mortos (ou talvez exatamente por isso), os bósnios amam sua terra – sérvios, croatas e muçulmanos igualmente.

ÓRFÃOS – Antes da guerra, Slavko Milanovic era o diretor do Kamerni Theatar’55, um teatro de vanguarda em Sarajevo. Agora ele trabalha para o Ministé-



rio da Informação sérvio. Ele é quieto, cortês, culto, um membro destacado da *intelligentsia* de Sarajevo quando existia uma coisa assim. No início eu tinha tomado Slavko por um órfão desta guerra; não como um caso óbvio, mas ainda assim uma pessoa cuja vida foi tão profundamente transformada pela guerra que nunca mais será a mesma. Entre o barulho das bombas que caem, nós discutimos produções de Buñuel e Jarry que, posso imaginar, teriam adorado essa cena.

PIADA – Frustrados e bêbados sem conseguir os nossos expressos, Karl e eu gastamos o resto daquela primeira noite desenhando mapas da Iugoslávia em guardanapos de papel e comparando notas sobre a guerra de duzentos anos antes, sobre a qual eu tinha escrito em meu caderno de notas, e sua equivalente moderna, que ele tinha visitado sete vezes. Não conseguimos nossos cafés. Ao contrário, planejamos uma caçada aos submarinos sérvios. (Eles têm 16, segundo a maioria das projeções.) Esta é uma pequena história estúpida, e os fatos de qualquer forma vão superar nosso plano, mas é verdade, e como ele foi o primeiro de uma série de eventos que eventualmente me poria fugindo de balas em Sarajevo, eu considero seu absurdo um tanto profético. P é para Piada, que, como uma brincadeira sem brilho em alguma ocasião supostamente momentosa, pode ter também seu lugar na guerra.

QUESTÕES – Karl entrevistou o general Gevero, comandante das forças sérvias em torno de Sarajevo. Karl perguntou: “O sr. pensa que um dia Sarajevo deva ser dividida, como ocorreu com Berlim em 1945?” Depois, “o plano do dr. Karadzic (oferecer salvo-conduto a todos que queiram sair da cidade) é factível?” E por fim: “Há algum dos três lados em luta com capacidade de vencer a guerra?” General Gevero falou por uma hora e, de acordo com o tradutor, estava muito impressionado com as perguntas de Karl. A maior parte de suas entrevistas eram encerradas em cinco minutos. Poucas semanas antes da Guerra do Golfo, Karl perguntou o seguinte para Saddam Hussein: “Sr. Presidente, por várias décadas todo o mundo árabe tem procu-

rado um líder forte o bastante para enfrentar o Ocidente. Eu gostaria de lhe perguntar então”, deu uma pausa, “o senhor é esse líder?”

RETRATOS – Um fotógrafo amplia o prestígio de seu objeto. Um fotógrafo rouba sua alma. As duas atitudes estão em evidência entre os soldados da Bósnia. Alguns posam. Outros pedem que se afaste. Alguns posam para o retrato e depois tiram o filme da câmera. Um *chetnik* com cara de nenê pendurado na carroceria de um caminhão, carabina numa mão e boné na outra. Uma foto inútil – ele estava sorrindo – mas por que não? Foto, foto, foto. O caminhão passa por nós, o oficial em comando salta e pede o filme. Um drama! O “nenê”, aparentemente, tem família em Sarajevo. A teoria é a de que os muçulmanos em Sarajevo identificam famílias de sérvios pelas fotos de seus parentes nos jornais e então executam-nos. Pode ser verdade. Nós testamos a hipótese. “Sarajevo?”, perguntamos de forma simpática ao grupo que nos saudava com acenos. Eles balançam a cabeça afirmativamente com um ar de tristeza. Ficamos com pena. Poucos minutos depois e eles posam para fotos exibindo suas metralhadoras e um jeito de luto, que provavelmente se deve ao inevitável massacre de suas famílias. O negócio de “posar e depois destruir o filme” continua problemático.

SEGUNDA-MÃO – Corpos sem cabeça outra vez: as reportagens no *Daily Universal Register* citadas acima teriam sido compiladas a partir de relatos de segunda-mão, originados em entrevistas dos embaixadores do imperador em Londres e Bruxelas. As informações dos embaixadores vieram do Escritório de Correspondência em Viena (essencialmente um órgão de censura, portanto não de fabricação) que as retirava de despachos enviados pelo exército. A proveniência dessa informação não inspira confiança e eu suspeito que a história inteira tenha sido reciclada de algum incidente anterior, possivelmente pertencente a alguma outra guerra.

As cabeças são mais solidamente documentadas. Existem as fotografias. Existem também, me disseram, algumas cenas de vídeo particularmente desagradáveis. Eu vi listas de

3 *Woodsmoke* é uma palavra que contrai duas para formar um substantivo: fumaça de madeira. Conceitua com precisão o cheiro dessa fumaça. E ocupa o W tão raro no português atual, o que impôs o uso do conceito original na tradução deste ABC.

nomes e números de passaportes. Com acusações pipocando contra suas próprias milícias, os sérvios torcem naturalmente para que essas evidências sejam aceitas. Seus motivos são maus mas as cabeças, penso, são reais.

TITITI – Este é um dos rumores mais comuns produzidos pela fábrica de boatos de Sarajevo. O filho do dr. Karadzic, Saskia, é evidentemente um fanático militante da causa sérvia na Bósnia, valente, animado, um filho devotado, etc. Jusuf Brasnica, mais conhecido como Juka, é um gangsterzinho transformado em senhor da guerra no lado muçulmano, ferido três vezes, famoso por uma série de ataques corajosos, guia um BMW linha 7. Ele comanda uma milícia com várias centenas de homens baseada no monte Ingman. Saskia e Juka são amigos desde a infância. Saskia regularmente se arrasta pelas linhas de frente para encontrar Juka. Eles bebem, conversam, dão risadas. Talvez namorem. Esse é o tititi.

ULTRAJE – O instinto de autopreservação psíquica radicaliza os altos e baixos de suas emoções. Eu pressenti, mas nunca senti, ultraje na Bósnia. Possivelmente, esse “ultra” é instrutivo. Em Genebra, no Parlamento britânico ou no Congresso americano, ultraje é mencionado com muita frequência para fatos no Exterior. Se fosse “intra”, seria um traje mais raro e caro.

VERDADE – Tradicionalmente a primeira vítima da guerra, na Bósnia de hoje ela sofre algo mais parecido com a morte por milhares de cortes. Em seu lugar, existem graus de probabilidade, possibilidades crescentes ou decrescentes, informações confiáveis ou não, versões conflitantes. Três dias antes de chegarmos a Sarajevo, várias agências de notícias informaram que os sérvios tinham fechado a estrada do aeroporto. Essa atitude, é geralmente aceito, será o primeiro movimento se os sérvios organizarem um ataque total à cidade. Infelizmente, a notícia era falsa. Uma ferida tão clara assim é rara. É mais comum acontecer de a realidade apresentada divergir obliquamente da verdade. “Alija Izetbegovic é o presidente da Bósnia” parece incontestável

até que você pare para pensar o que é “Bósnia”.

WOODSMOKE (fumaça de lenha, em inglês) (3) – Todo mundo na Bósnia tem cheiro de lenha queimada. Isto é bem fácil de explicar. Embora o exército seja abastecido de combustível pela Sérvia (nós vimos os caminhões-tanque em fila no entroncamento da estrada de ferro em Zvornik) o resto do país tem muito pouco ou nada. Mesmo os quartéis sérvios em Lukavica só podem alimentar seus geradores de luz por cinco horas a cada noite. Se você quer ficar aquecido, queime lenha. Nas áreas dos muçulmanos em Sarajevo, árvores fora do alcance dos atiradores foram derrubadas e transformadas em lenha com machadinhas. A temperatura em dezembro

Em Bihac, na Croácia, jovens muçulmanas agora são enfermeiras do exército bósnio



raramente supera cinco graus e pode cair abaixo dos vinte negativos. Não sentir o cheiro de lenha queimada corresponde a estar no mínimo muito frio ou, pior, congelado até a morte. Eu associo, com boa dose de razão, esse cheiro com vida.

Escrever sobre causas e conseqüências sugere que existe uma passagem de um para o outro, que a guerra segue essa relação e essa é a “estória”. Infelizmente, tudo isso não é discernível ou localizável uma vez dentro da guerra. Quando eu sinto o cheiro de lenha queimada minha mente não corre diretamente para o plano Vance-Owen (4). E o inverso: pensar em termos estratégicos faz esquecer a essência da guerra, sua *insolução* e imprevisibilidade, sua inconsistência e recusa em submeter-se aos parâmetros fixados a qualquer coisa. A chaleira não impede a água de ferver. De fato, à medida que essas árvores caem abrem-se novas linhas de tiro para os *snipers*, pode-se dizer que eles são o fogo sob a chaleira. Você pode sentir o cheiro de lenha queimada (*woodsmoke*, em inglês), e ainda assim ser morto.

X – A primeira vila que alcançamos foi Drinjaca. Havia casas com jardins, uma vaca ou duas pastando no fundo, galinhas correndo e porquinhos. Então, no meio disso, uma casa sendo engolida pelo fogo, as janelas abertas e o teto desabado. Algumas casas ocupadas – crianças no jardim, Mãe põe as roupas no varal – e então outra ruína queimada. Algumas vezes haverá um conjunto de quatro ou cinco casas geminadas com uma destruída no meio. As outras estarão intocadas, como se um ataque cirúrgico de baixa tecnologia tivesse ocorrido. Embaixo da fuligem era possível ver o sinal usado para identificar essas casas: um círculo, e dentro dele um X. Nós vimos esse sinal em todas as vilas pelas quais passamos.

YESTERDAY (ontem em inglês) (5) – Um pequeno braço de estrada, de no máximo trezentos metros, em algum lugar entre a cidade de Vlasenica e uma pequena vila chamada Han Piejsak. O céu não tem uma nuvem e se o cume dessa montanha estivesse abaixo de

cinco mil pés de altura a temperatura provavelmente estaria acima de zero. A estrada serpenteia num sulco raso: a terra forma ondulações suaves de cada lado do asfalto, depois fica plana até as árvores, distantes uns 100 metros mais ou menos. Os homens que trabalham esta terra vivem com suas famílias no pequeno agrupamento de casinhas cerca de meia milha atrás de nós. Tem nevado, por isso os campos estão brancos. Um monte de neve se acumula no meio da estrada, mas os veículos que nos antecederam deixaram uma trilha que podemos seguir. Esta é uma estrada bem conservada.

Ontem, na barreira militar em que estamos chegando agora, nós fomos forçados a entrar de volta em nosso carro a ponta de baioneta, o filme foi retirado da câmera e jogado no fogo pelos milicianos que controlam a barreira. Hoje acabamos de passar por cinco corpos deitados com o rosto para o chão em um dos campos que acabei de descrever. Então, estamos nessa estrada, no meio desses acontecimentos, e seria razoável perguntar neste ponto: “O que acontece agora?”

Há alguma coisa intensamente humana nessa questão e algo eloqüente no fato de que a guerra desintegra a pergunta. Chegamos à barreira e vemos rostos conhecidos desde ontem. Eles nos acenam com um sorriso. *Yesterday*, todos os problemas parecem tão distantes que é possível que ontem nem tenha ocorrido.

ZVORNIK – Acabamos de ser alvos de tiros, mas agora estamos quase em Zvornik, onde a ponte cruza o Drina, a guerra acaba e começa a paz. Uma troca de favores na barreira resulta em darmos uma carona para o soldado que vive no outro lado do rio. Ele sabe um pouco de inglês, principalmente tirado de títulos de músicas dos Beatles, e começa a cantar, “*We all live in a yellow submarine, a yellow submarine, a yellow submarine...*”.

Escrevendo isso agora, acabei percebendo como foi apropriado. Nós nunca encontramos os nossos submarinos sérvios. Karl arisca a cantarolar junto. O soldado sabe a música inteira. Ele é, de certa forma, o soldado mais animado que encontramos. Mal podemos esperar para nos livrarmos dele.

4 Plano de paz concebido em 1992-93 pelos enviados especiais da ONU, o americano Cyrus Vance, e da Comunidade Européia, o inglês Lord Owen. O plano dividia a Bósnia em cantões para cada um dos três lados em luta, mais ou menos como foi aceito por eles em 1996, mas em percentuais que na época ninguém topou.

5 Também aqui, a ausência de uma palavra com Y sugere que o verbete permanece com o termo original inglês. A tentação é reforçada pelo amplo conhecimento da palavra por uma composição dos Beatles, que parafraseei na última frase do verbete: “*Yesterday, all my troubles seemed so far away...*”